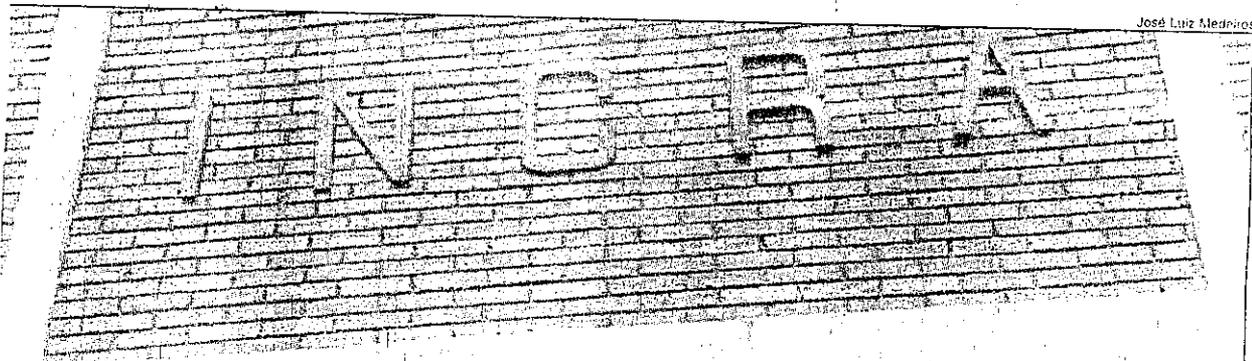


TERENAS

Inkra promete assentamento a índios



Os terenas Milton Rondon (com a foto do seu povo) e Eliel Rondon (com a pauta de reivindicações)

Da Redação

Os índios terenas conseguiram ontem, do superintendente do Instituto de Colonização e Reforma Agrária (Inkra), Clóvis Figueiredo Cardoso, a promessa de uma área em Rondonópolis para o assentamento de 62 índios que vivem hoje na periferia do município. Três membros da etnia, além de representantes da Fundação Nacional do Índio (Funai), participaram da negociação, que resultou na solução de um problema de quase 20 anos.

Os terenas que hoje vivem em Rondonópolis deixaram a localidade de origem, a reserva indígena Buriti, município de Dois Irmãos (MS), devido à superpopulação. Cerca de 500 famílias, no início da década de 80, dividiam uma área de 2.900 hectares. Hoje, já são 800 famílias, dividindo a mesma área.

Vindos para Mato Grosso, eles dividiram por um bom tempo a reserva dos bororos. Mas não deu certo, devido a conflitos culturais. Em 88, os bororos pediram a retirada dos terenas, que passaram a viver em uma fazenda arrendada. Lá, permaneceram por dois anos. Em 90, foram obrigados a deixar a fazenda e partiram para a cidade.

Segundo o administrador regional da Funai, Idevar José Sardinha, o assentamento não será feito no modelo tradicional, com a divisão da terra em lotes. A posse da área será coletiva. Antes do assentamento, funcionários do Inkra e da Funai vão vistoriar a área.

A superpopulação entre os índios é um problema que começa a preocupar a Funai. Segundo Sardinha, a taxa de natalidade dos índios é duas vezes maior, proporcionalmente, à dos brancos. Além disso, algumas medidas tomadas na área de saúde, principalmente a vacinação, aumentou a expectativa de vida.

JUSTINA FIORI

Da Sucursal de Rondonópolis

A Funai resolveu criar um grupo de trabalho para discutir a solução para o problema dos índios Terena, que estão vivendo na periferia de Rondonópolis depois de serem expulsos da reserva Tadarimana, dos Bororo. O grupo, envolvendo representantes do Governo do Estado, da prefeitura, da Funai de Rondonópolis e de Cuiabá e o assessor da Coordenadoria de Direitos Indígenas da Funai em Brasília, começa a trabalhar na semana que vem para definir uma área onde colocar os Terena.

Os sessenta e dois índios Terena estão morando em pequenas casas no Parque São Jorge, na periferia de Rondonópolis. Eles reclamam que não têm recebido assistência da Funai. O líder do grupo, Milton Rondon, diz que a Funai discrimina os Terena porque estão "sem aldeia". Por estarem vivendo na cidade, Milton acredita que a Funai resolveu não tratá-los como índios.

128

Eles chegaram a formar uma comissão de sete índios e conseguiram uma audiência, no dia 20 de maio passado, com o presidente da Funai, em Brasília.

Eles chegaram a formar uma comissão de sete índios e conseguiram uma audiência, no dia 20 de maio passado, com o presidente da Funai, em Brasília.

O chefe do Núcleo de Apoio da Funai em Rondonópolis, Denivaldo Roberto da Rocha, explica que o principal problema está na definição de uma área para esses índios. "A Funai não tem recursos para comprar uma área. Além disso, existem outros 50 mil índios sem aldeia no Brasil. Se a Funai comprar uma área para os Terena, estará abrindo um precedente", diz ele. Segundo ele, a Funai tem dificuldades até mesmo para dar assistência aos índios "aldeiados". Apesar disso, a Funai tem dado assistência médica e cestas básicas para os Terena de Rondonópolis.

A vida de um índio na periferia de Rondonópolis

Da reportagem

O índio Severino Martins, de 76 anos, é um dos que vivem na periferia de Rondonópolis. Ele veio da aldeia Buriti em 1994. "Na aldeia Buriti, tem muita gente e falta terra para trabalhar", conta ele.

Severino foi para a área da fazenda Velha, ao lado da aldeia Tadarimana. Lá ficou por dois anos e, depois de desentendimentos com os Bororo, resolveu morar na cidade. Segundo ele, os índios Terena gostam de plantar e já praticam a agricultura há milhares de anos. Enquanto isso, os Bororo vivem da caça e da pesca. "Temos diferenças culturais", diz Se-

verino.

Na cidade, Severino não trabalha, assim como a maioria dos membros de sua família.

Outro que veio da aldeia Buriti é Milton Rondon. Ele também conta que a população dos Terena é muito grande. "Se todos os Terena fossem morar na aldeia, ficaríamos apertados como sardinhas", diz ele.

Milton denuncia que a falta de terra para trabalhar tem levado muitos Terena à condição de miséria. "Na aldeia Buriti, até mulheres e adolescentes se transformaram em bóias-frias nas fazendas da região para poder sobreviver".

ARQUIVO CIMI - MJ

Fonte: DIÁRIO DE CUIABÁ

Data: 01/06/90

Pag. 3 - 1